

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

100 Anos Depois,

**ONDE ESTÁ
O WATSON**



PATRÍCIA ARRIAGA & FRANCISCO ESTEVES

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

John B. Watson nasceu em 1878, um ano antes de Wilhelm Wundt ter fundado o célebre laboratório de Psicologia experimental na Universidade de Leipzig, e quatro anos após o primeiro artigo de Wundt sobre os Princípios de Psicologia Fisiológica. Watson cresceu durante o emergir dessa nova disciplina, que procurava adquirir o estatuto de ciência, lutando contra o fantasma da subjetividade. Wundt já tinha alertado para esse problema e para a necessidade de a psicologia recorrer a metodologias objetivas. Também William James, outro pioneiro, tinha manifestado idêntica preocupação ao considerar que o estudo de processos não conscientes era um campo minado (*"a tumbling ground for whimsies"*, 1890, p. 163) para a afirmação da psicologia como ciência. Numa altura em que, aproveitando os ventos do positivismo e da revolução industrial, várias novas ciências se afirmavam ou se redefiniam, como a física ou a biologia, a ideia de poder estudar os processos mentais com o necessário distanciamento entre investigador e objeto de estudo era essencial para poder aspirar ao estatuto de disciplina científica. Contudo, o principal problema da Psicologia nessas primeiras décadas de existência era o método escolhido – a introspeção, ainda que fosse denominada introspeção experimental numa tentativa

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

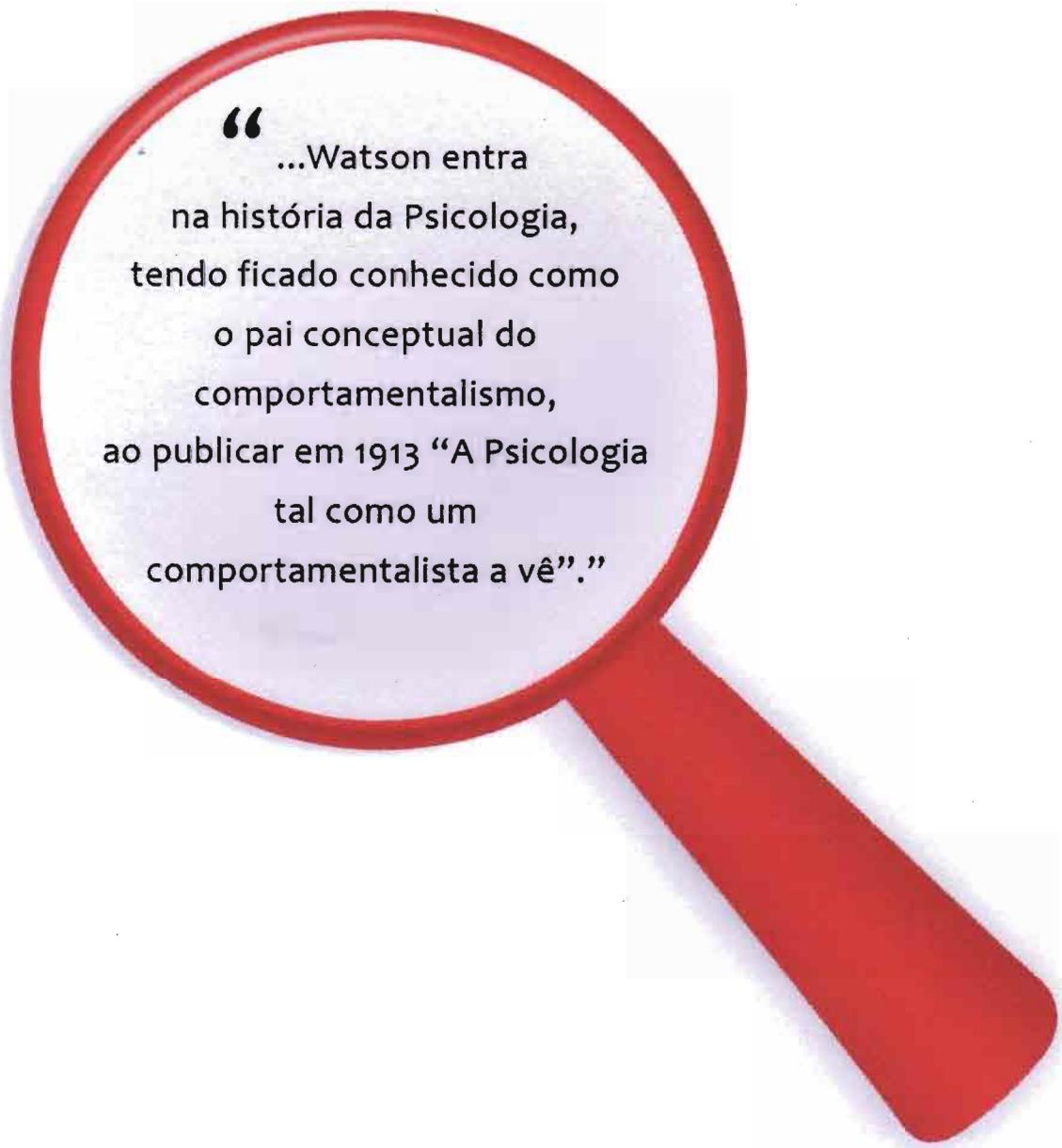
» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

de aproximação às ciências empíricas. Apesar dos esforços de Wundt, com formação em fisiologia e forte componente experimental, a tentativa de estudar a mente humana a partir, apenas, da parte consciente a que temos acesso, estaria sempre limitada a uma parte da história. Porque na realidade não temos acesso consciente aos processos mentais em si, mas apenas ao seu resultado, por exemplo aos pensamentos que a cada momento emergem, o célebre “*stream of consciousness*” referido por James (1980). E esse resultado dos processos mentais é, por sua vez, afetado pelo próprio facto de se tornar consciente.

E é aqui que Watson entra na história da Psicologia, tendo ficado conhecido como o pai conceptual do comportamentalismo, ao publicar em 1913 “A Psicologia tal como um comportamentalista a vê”. Este manifesto que agora celebramos vem marcar uma rutura com as perspetivas mentalistas até aí dominantes e significou uma mudança de paradigma no sentido Kuhniano do termo. Mas é evidente que as suas ideias não emergiram de uma “*tabula rasa*” e tinham percursores. Pavlov e os estudos sobre aprendizagem associativa tiveram um papel relevante nesta tentativa de estudar processos

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?



“
...Watson entra
na história da Psicologia,
tendo ficado conhecido como
o pai conceptual do
comportamentalismo,
ao publicar em 1913 “A Psicologia
tal como um
comportamentalista a vê”.”

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

“ A existência de precursores e de críticas à introspecção como método, não retira o mérito ao manifesto de Watson sobre o estatuto científico da Psicologia.”

“ Watson critica as teorias, os métodos e o objeto de estudo de várias escolas de pensamento à data dominantes na Psicologia, que no seu entender eram manifestamente vagas, ideológicas, especulativas e, por isso, a-científicas. ”

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

mentais e comportamentos utilizando metodologias objetivas não limitadas à introspeção, à associação livre, ou num sentido mais geral, ao relato subjetivo consciente. Também a lei do efeito, introduzida por Thorndike em 1905, antecipa a ênfase nas contingências de reforço, que irá constituir um dos pilares do comportamentalismo. Curiosamente, B. F. Skinner (1963), no seu estilo por vezes provocatório (talvez não intencional, ele não acreditava muito em intenções), chega a afirmar que S. Freud seria um dos antecessores do comportamentalismo por ter argumentado que muitos dos nossos comportamentos não têm origem em decisões conscientes. Ora, se não precisamos de ter consciência das causas do nosso comportamento, então a consciência não está relacionada com as causas do comportamento. No entanto, em vez de rejeitar o mentalismo, consequência lógica na opinião de Skinner, Freud advogou o estudo do inconsciente ao longo da sua carreira (a existência de percepção não consciente, *petites perceptions*, já tinha sido abordada por Leibniz

no século XVII, mas foi Schelling no século seguinte quem introduziu o conceito, desenvolvido e aprofundado por Freud).

A existência de precursores e de críticas à introspeção como método, não retira o mérito ao manifesto de Watson sobre o estatuto científico da Psicologia. Houve uma intenção clara de definir uma nova abordagem da Psicologia.

Mas o que diz afinal o célebre artigo? Basicamente, uma redefinição do objeto de estudo da Psicologia e do seu método. Ou seja, tudo. Neste artigo, Watson critica as teorias, os métodos e o objeto de estudo de várias escolas de pensamento à data dominantes na Psicologia, que no seu entender eram manifestamente vagas, ideológicas, especulativas e, por isso, acientíficas. Lança assim o repto de erguer a Psicologia a um estatuto de ciência, e defende que tal apenas poderia ser alcançado se assentasse no quadro epistemológico das ciências naturais. Defende ainda o contributo da investigação em psicologia animal e manifesta

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

interesse em alargar o domínio de aplicação ao comportamento humano. Este manifesto foi recebido com grande entusiasmo por vários autores que, por um lado, se mobilizaram para dar continuidade aos estudos em psicologia animal, por outro lado, testaram os princípios da aprendizagem em humanos. Numa das experiências mais famosas – o “Pequeno Alberto” – Watson e Rayner (1920) aplicam os princípios sobre reflexos condicionados, anteriormente propostos por Pavlov, ao condicionamento do medo numa criança. Conseguiram com este estudo mostrar a possibilidade de condicionar respostas em humanos e evidenciaram a importância de leis básicas e reguladoras da aprendizagem.

O que ficou de Watson nos Manuais da Psicologia?

Na maior parte dos livros de Psicologia atuais Watson aparece associado a dois tópicos, geralmente apresentados

de forma não muito lisonjeira. A mencionada experiência do “Pequeno Alberto” e a célebre citação das 12 crianças saudáveis (Watson, 1924).

Em relação à primeira, não mais do que uma experiência de condicionamento Pavloviano, parece natural pelos atuais padrões éticos que teria sido importante descondicionar. Até porque a utilidade do conhecimento sobre o condicionamento do medo, que foi o que Watson fez ao petiz, é conseguir extingui-lo. Mas quatro anos mais tarde, Mary Cover Jones (1924) evidencia o alcance dos princípios da aprendizagem ao tratamento da fobia com uma outra criança – o “Pedro”. Estes dois estudos de caso foram usados para contrapor à interpretação do estudo de caso do “pequeno Hans”, publicado por Freud (1909) e servindo ao autor para ilustrar as suas teorias no seio da emergente corrente psicanalítica.

Quanto à história das 12 crianças, torna-se evidente que Watson (1924) procurava

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

“ Talvez afinal Watson não fosse tão radical como muitos procuram afirmar. Watson foi entretanto forçado a retirar-se da vida académica (são as contingências da vida) e foi trabalhar em publicidade (são as contingências de reforço). ”

acima de tudo reafirmar a importância das leis da aprendizagem na aquisição, desenvolvimento, manutenção e mudança do comportamento, ao alegar que poderia pegar ao acaso em qualquer criança “saudável e bem-formada” e treiná-la para se tornar numa especialista à sua escolha, “(...) independentemente dos seus talentos, tendências, capacidades, vocações e raça dos seus progenitores” (p. 104). Visão que encontrou um terreno fértil para o desenvolvimento de programas de modificação comportamental, num esforço de articulação dos contributos epistémicos do comportamentalismo para o vasto domínio de atuação da Psicologia. Esta afirmação, que subjaz o forte pendulo determinístico externo ambiental, deve também

ser enquadrada na perspetiva histórica de um autor que advogou a importância do conhecimento científico, sendo o conhecimento sobre a hereditariedade e fenómenos epigenéticos incipiente, à data das suas publicações. É igualmente interessante observar que a última frase desta citação, “Estou a ir para além dos factos, e admito-o, mas também os defensores do contrário e eles têm-no feito por muitas décadas de anos” (p. 104), não costuma ser referida nos livros de Psicologia. Talvez afinal Watson não fosse tão radical como muitos procuram afirmar. Watson foi entretanto forçado a retirar-se da vida académica (são as contingências da vida) e foi trabalhar em publicidade (são as contingências de reforço).

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

Desenvolvimentos do comportamentalismo.

O entusiasmo com o comportamentalismo ficou patente no trabalho de muitos outros autores e disseminou-se a vários continentes, mas foi Skinner que mais tarde se afirmou como o principal teórico deste movimento. Associado a Skinner ficou o seu contributo com um renovado paradigma da aprendizagem – o condicionamento operante. No entanto, o direccionamento epistemológico das suas ideias para a Psicologia, que acentuava ainda mais a tónica na observação exclusiva do comportamento observável, contribuiu em parte para a designação do seu movimento como comportamentalismo radical. O reconhecimento de Skinner como teórico estendeu-se além da academia, com condecorações e medalhas de mérito atribuídas pelo seu contributo para a ciência e pela sua vasta aplicação. Programas de modificação comportamental foram usados em inúmeros contextos, com algumas técnicas a serem

mais tarde validadas empiricamente em domínios específicos (e.g., Reisner, 2005).

Cinquenta anos após o manifesto de Watson, Skinner (1963) celebra este movimento e publica o “Comportamentalismo aos 50”, no qual revê e sustenta os princípios epistémicos orientadores do comportamentalismo enquanto ciência natural para a Psicologia, diferencia os cientistas comportamentalistas dos psicólogos científicos, e lança de novo o repto de “*estender o comportamentalismo, enquanto filosofia da ciência, ao estudo do comportamento político e económico, ao comportamento das pessoas em grupos, de pessoas que falam e ouvem, que ensinam e aprendem*” (p. 958), reforçando a importância da aplicação destes princípios aos mais importantes domínios do comportamento humano. Como intuito de responder a críticas que sustentavam a possibilidade de estudar processos mediadores de modo objetivo, Skinner refere que “*nenhuma entidade ou processo que tenha*

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

“Cinquenta anos após o manifesto de Watson, Skinner (1963) celebra este movimento e publica o “Comportamentalismo aos 50”, no qual revê e sustenta os princípios epistémicos orientadores do comportamentalismo enquanto ciência natural para a Psicologia, diferencia os cientistas comportamentalistas dos psicólogos acientíficos, e lança de novo o repto de “estender o comportamentalismo, enquanto filosofia da ciência, ao estudo do comportamento político e económico, ao comportamento das pessoas em grupos, de pessoas que falam e ouvem, que ensinam e aprendem”.”

.....

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

força explicativa útil deve ser rejeitada com o argumento de que é subjetiva ou mental. Os dados que as tornaram importantes devem, no entanto, ser estudados e formulados de formas efetivas” (p. 958). Embora na realidade, Skinner tivesse advogado até ao fim da vida (morreu em 1990 com 86 anos) que os processos mentais não tinham essa “força explicativa útil”.

Mas se a ascensão parece ter ocorrido com o manifesto de Watson, o apogeu na desmultiplicação de paradigmas comportamentais durante as várias décadas que se seguiram, mais difícil é precisar o seu declínio enquanto filosofia para a Psicologia. Enquanto alguns autores referem o seu declínio na Psicologia com a revolução cognitiva (e.g., Miller, 2003), outros sustentam que o declínio não sucedeu, emergindo em 1987 com uma nova disciplina independente, denominada “behaviorology” (e.g., Ledoux, 2012). No entanto, o caminho científico trilhado pela Psicologia seguiu novas

orientações paradigmáticas, numa perspectiva mais integrativa do conhecimento.

Em Portugal o comportamentalismo teve um percurso tardio, com as primeiras formações especializadas nos anos 70 (Gonçalves, 1990) e algumas instituições a aplicarem os seus pressupostos. Mas os edifícios conceptuais da Psicologia em Portugal eram distintos e talvez por essa razão o comportamentalismo não colheu muitos adeptos. A própria pertinência da formação especializada em Psicologia no nosso país, apenas foi reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura em 1974 (pós 25 de Abril). Até então, eram Psiquiatras e/ou Psicanalistas (com grande influência das correntes dominantes em França) os protagonistas da aplicação do conhecimento em Psicologia na intervenção clínica. Com o advento da revolução cognitiva, também em Portugal novas lentes, em diferentes objetos de estudo, passaram a ser usadas na investigação e prática da Psicologia.

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

Onde está atualmente o Watson e o comportamentalismo na Psicologia?

Na investigação ficou o rigor e o respeito pelo método científico. Houve continuidade no recurso a paradigmas que emergiram no seio do comportamentalismo. Paradigmas que perduram para investigar fenómenos que não teriam recebido a aprovação de Watson ou de Skinner, mas que estão atualmente ao serviço da compreensão de variáveis da “caixa negra”, os quais tivemos oportunidade de usar para estudar processos automáticos não conscientes e reações emocionais (e.g., Esteves, Arriaga, Carneiro, & Flykt, 2010; Esteves, Parra, Dimberg, & Öhman, 1994).

Naturalmente que houve, e ainda perdura, alguma resistência ao estudo de estruturas e processos mentais por parte de comportamentalistas radicais. O estudo das emoções, por exemplo, até há poucas décadas não era considerado um tópico relevante na academia. Meyer, por exemplo, profetizava em 1933 que “ (...) em 1950 os psicólogos Americanos sorririam a ambos os conceitos [vontade e emoção] como curiosidades do passado” (parêntesis nosso, p. 300). Oitenta anos volvidos verificamos que Meyer se enganou. Contudo, mesmo nos anos 80 do século passado, já em plena era cognitivista, o interesse pelos fenómenos emocionais era escasso, como oportunamente observou Richard Lazarus (1991), “Ironicamente, todos menos os cientistas sociais reconheceram que as emoções residem no centro das experiências humanas e da adaptação. (...). Isto é ainda mais digno de nota ao nos darmos conta de que as emoções são consideradas chaves para a compreensão dos problemas humanos” (p. 5).

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

“ Globalmente é possível afirmar que, apesar das resistências, nem sempre explícitas, a ideia de que o estudo do comportamento humano era importante, e que a utilização de metodologias objetivas era necessária à afirmação da Psicologia como disciplina científica, perdurou até aos dias de hoje.”

Globalmente é possível afirmar que, apesar das resistências, nem sempre explícitas, a ideia de que o estudo do comportamento humano era importante, e que a utilização de metodologias objetivas era necessária à afirmação da Psicologia como disciplina científica, perdurou até aos dias de hoje. No campo da psicologia clínica, as ideias comportamentalistas, integradas num referencial mais vasto, que inclui mecanismos cognitivos, emocionais e motivacionais, continua a mostrar vitalidade e reconhecida validade empírica. A análise comportamental como forma de abordagem individualizada dos problemas, focada na relação entre os antecedentes contextuais e as consequências, é também utilizada por especialistas de diferentes escolas e formações.

Outra das lições que perdura do comportamentalismo é a importância das contingências ambientais na nossa vida em geral. Muito para além da Psicologia (apesar de ser pura psicologia), a compreensão da forma como os nossos

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

“ Outra das lições que perdura do comportamentalismo é a importância das contingências ambientais na nossa vida em geral. Muito para além da Psicologia (apesar de ser pura psicologia), a compreensão da forma como os nossos comportamentos são condicionados pela interação com os outros aplica-se a muitos fenómenos quotidianos.”

comportamentos são condicionados pela interação com os outros aplica-se a muitos fenómenos quotidianos. No caso da educação, esta modificação comportamental está bem patente na tentativa de inculcar e/ou desencorajar comportamentos através de manipulação (em geral, não consciente) de contingências de reforço. Embora o conceito “manipulação” possa soar pouco simpático, quando, por exemplo, pensamos sobre o seu uso pela família ou no contexto de trabalho, na realidade é disso que se trata. Até porque a ausência de ação (como se fosse possível não interferir nos comportamentos dos outros) é em si mesmo uma ação. Ação que manifestamente pode aumentar ou diminuir a probabilidade de ocorrência de comportamentos a que reagimos (ou mesmo quando não reagimos).

Ao nível da organização das sociedades também não faltam exemplos da influência de contingências externas, mesmo nos casos em que o discurso na “retórica” oficial lhes dá um significado e interpretação contrários. A ilustrar temos

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

exemplos de figuras públicas da política portuguesa, com comportamentos condenáveis no discurso oficial do poder, mas na prática reforçados pela ausência de justiça, ou da “inocência até prova em contrário”, ou da generalizada dificuldade em levar à justiça pessoas com estatuto protegido. Porque, como Bandura mostrou, observar as consequências que os outros sofrem (ou deixam de sofrer) é também uma aprendizagem eficaz. E o problema não é a probabilidade de a figura A ou B reincidir. O problema, ensinamos o comportamentalismo, é o que toda a sociedade aprende com tais exemplos de reforço, diretos ou vicariantes.

E onde está Watson na convicção de que a Psicologia só poderia afirmar-se enquanto Ciência natural? Lazarus (1991), num olhar crítico sobre a procura incessante de estatuto de ciência “natural”, alertou para a larga identificação dos Psicólogos com o agressor, quando “para provar que são ‘verdadeiros’ cientistas” (p. 15), se subjugam aos que reclamam para si a verdadeira legitimidade “científica”. Ainda na atualidade a psicologia debate-se com estas preocupações, ao recluir, por exemplo, que o financiamento da investigação priorize ciências exatas e naturais, em detrimento de outras ciências. Urge por isso dar continuidade a uma reflexão

“ ...como Bandura mostrou, observar as consequências que os outros sofrem (ou deixam de sofrer) é também uma aprendizagem eficaz. E o problema não é a probabilidade de a figura A ou B reincidir. O problema, ensinamos o comportamentalismo, é o que toda a sociedade aprende com tais exemplos de reforço, diretos ou vicariantes. ”

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

“ No presente, a Psicologia recorre-se de metodologias científicas de macro e microanálise, apresentando-se neste novo milénio com sólidos fundamentos teóricos e empíricos. E é neste espírito lúcido de partilha de saberes que o conhecimento científico avança. É este o atual Manifesto para o futuro da Psicologia. Um futuro de integração do contributo de diferentes lentes epistemológicas, sem que cada domínio perca o seu objeto de estudo, restrinja os seus níveis de análise, ou os espartilhe.”

epistemológica sobre ciência, numa lógica de articulação e de partilha, e não de legitimidade, cooperativismo e poder.

Reconhece-se hoje o estatuto científico da Psicologia a nível nacional e internacional. A multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade têm sido valorizadas nas últimas décadas. No presente, a Psicologia recorre-se de metodologias científicas de macro e microanálise, apresentando-se neste novo milénio com sólidos fundamentos teóricos e

empíricos. E é neste espírito lúcido de partilha de saberes que o conhecimento científico avança. É este o atual Manifesto para o futuro da Psicologia. Um futuro de integração do contributo de diferentes lentes epistemológicas, sem que cada domínio perca o seu objeto de estudo, restrinja os seus níveis de análise, ou os espartilhe. Um futuro de articulação entre diferentes áreas científicas para aprofundar, consolidar, promover e potenciar o conhecimento sobre o homem e seus contextos. ●

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?

REFERÊNCIAS

- Esteves, F., Arriaga, P., Cameiro, P., & Flykt, A. (2010). Emotional responses (verbal and psychophysiological) to pictures of food stimuli. *Psicologia*, 24 (2), 89-111.
- Esteves, F., Parra, C., Dimberg, U., & Öhman, A. (1994). Nonconscious associative learning: Pavlovian conditioning of skin conductance responses to masked fear-relevant facial stimuli. *Psychophysiology*, 31 (4), 375-385.
- Freud, S. (1909). Analysis of a phobia of a five-year-old boy. In *Collected Papers of Freud*, (Vol. III, pp. 149-289). London: Hogarth Press.
- Conçalves, O. (1990). *Terapia comportamental: Modelos teóricos e manuais terapêuticos*. Braga: Edições Jornal de Psicologia.
- James, W. (1890). *The principles of psychology*. London: MacMillan.
- Jones, M. C. (1924). A laboratory study of fear: The case of Peter. *The Pedagogical Seminary*, 31, 308-315.
- Ledoux, S. (2012). Behaviorism at 100. *American Scientist*, 100 (1), 60-65.
- Lazarus, R. S. (1991). *Emotion and adaptation*. New York, NY: Oxford University Press.
- Meyer, M. (1933). That whale among the fishes: The theory of emotions. *Psychological Review*, 40, 292-300.
- Miller, G. A. (2003). The cognitive revolution: A historical perspective. *Trends in Cognitive Sciences*, 7(3), 141-144.
- Reisner, A. D. (2005). The common factors, empirically validated treatments, and recovery models of therapeutic change. *The Psychological Record*, 55, 377-399.
- Skinner, B. F. (1938). *The behavior of organisms*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1963). Behaviorism at fifty. *Science*, 140, 951-958.
- Thorndike, E. L. (1905). *The elements of psychology*. New York: A. G. Seiler.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20, 158-177.
- Watson, J., & Rayner, R. (1920). Conditioned emotional reactions. *Journal of Experimental Psychology*, 3, 1-14.

Patrícia Arriaga

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa /
CIS-IUL

Francisco Esteves

MidSweden University / CIS-IUL

» 100 Anos Depois, Onde Está O Watson?